

A lua de fel de Michel Temer

A trégua entre repórteres e presidentes dura pouco. Com Temer, não durou quase nada

EUGÊNIO BUCCI

30/06/2016 - 08h00 - Atualizado 25/10/2016 20h44

Compartilhar

Assine já!

É uma tradição democrática. Quando um governo começa, ele conta com a boa vontade temporária da imprensa. Em lugar de ficar aporrinhando o novo presidente, como é seu dever de ofício, os jornalistas dão a ele um pouco de sossego para que ele possa, sem muita pressão, mostrar a que veio. A trégua inicial pode durar 100 dias, como é mais comum, pode durar um pouco mais, como aconteceu com Lula em 2003, ou pode durar um pouco menos.

Há quem chame essa tradição de “lua de mel”, numa alusão irônica à vida conjugal. Depois do casamento, os dois nubentes fazem as malas e passam uma ou duas semanas viajando, numa temporada em que não precisam trabalhar, não precisam pagar conta de luz, não precisam se perguntar por que ontem à noite um dos dois só voltou para casa às 2 da manhã e, logicamente, não precisam brigar. Depois da lua de mel, aí sim, seguirão às turras até a morte – até a morte dele, ou a dela, ou, na melhor das hipóteses, a morte do casamento. Pois então: a relação tumultuada entre imprensa livre e governos democráticos poderia seguir a mesma dinâmica: no começo, a paz excepcional; no resto do tempo, fustigações, rugas e estranhamentos.

Para o equilíbrio dos casamentos, o bom é que a harmonia prevaleça sobre as brigas, mesmo depois da lua de mel. Para o equilíbrio das democracias, é o oposto. O desentendimento entre governo e imprensa deve ser diuturno e inabalável. Quando a imprensa alonga demais sua lua de mel com o governo, o mais provável é que o que exista ali não é uma democracia, mas uma ditadura disfarçada. A lua de mel entre repórteres e presidentes só é aceitável porque dura pouco.

No caso de Michel Temer, porém, deu-se algo bastante incomum. Com ele, a trégua não durou quase nada. O homem apanha sem parar. Os órfãos de Dilma Rousseff reclamam que ele vem sendo poupado em demasia, mas estão errados. Fora o séquito dilmista, todo mundo vê que, desde o primeiro dia, o interino não tem um minuto de tranquilidade.

RECOMENDADO PARA VOCÊ

ZOOM



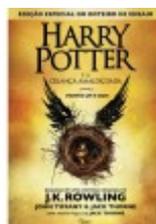
ZOOM



ZOOM



ZOOM



eBook A Expansão do Jornalismo para o Ambiente Numérico -	Bem-vindo À Bolsa de Valores - 9ª Ed. 2010 - Piazza, Marcelo C. -	Guia de Gerenciamento Por Categorias - Otimizando a Relação	Harry Potter e a Criança Amaldiçoada - Parte Um e Dois - Capa
Confira! R\$23,00	Confira! R\$29,00	Confira! R\$34,90	Confira! R\$48,02

Comparados a Michel Temer, vices anteriores que assumiram a cadeira presidencial, como José Sarney, que substituiu o falecido Tancredo Neves em 1985, e Itamar Franco, que substituiu o cassado Fernando Collor em 1992, tiveram tratamento VIP. O que o destino reservou para o atual presidente foi uma lua de fel. E tome vinagre.

É fato que as circunstâncias não ajudam. O que sobrou para ele é uma encrenca federal: um país em recessão monstruosa, assediado brutalmente por uma superpopulação de corruptos e corruptores em plena atividade, uma opinião pública impaciente e uma multidão de descontentes que não se cansa de xingá-lo de golpista. A única instituição que parece funcionar (mais ou menos) é a Operação Lava Jato, e esta também não lhe facilita a lida diária. Temer bobou ao nomear um ministério com gente implicada nas investigações. Não deu outra. Três já caíram e ele mesmo já apareceu numa delação premiada. Só o que colhe elogios em sua gestão, e mesmo assim elogios parciais, de alguns e não de todos, é a ortodoxia conservadora de sua equipe econômica. Tirando isso, seu governo tem o aspecto do distrito de Bento Rodrigues, na cidade de Mariana, depois que a lama da Samarco a devastou. A impressão é que quase nada no governo interino para de pé, e a imprensa não para de mostrar o que está prestes a ruir.

A lua de fel é chata para o presidente, mas é boa para o país. E a imprensa não poderia fazer nada que não fosse exatamente isso. Qual seria a alternativa? Parar de cobrir a Lava Jato? Deixar de dar manchete para as revelações que cobrem de lama tóxica a cúpula do PMDB? Não. Se quiser manter sua credibilidade num período em que a credibilidade dos políticos escorre como um rio imundo, a imprensa só pode seguir fazendo seu trabalho.

Quanto ao interino, sua única rota de fuga é não fugir. Ou ele faz seu governo ser sério, honrado e eficiente, ou será varrido pelas mesmas águas, com ou sem a volta de Dilma. Os apoiadores do governo Temer dizem que lhe falta comunicação, mas não é verdade. O que lhe falta é voto. Por isso, precisamente porque lhe faltam votos, sua única esperança está em saber colocar o compromisso com a opinião pública, que quer o aprofundamento – e não o fim imediato – da Lava Jato, acima do compromisso circunstancial com os caciques do Congresso Nacional. A legitimidade que ele poderá conquistar será construída a cada dia, com uma prova de seriedade a cada dia. Se tiver olhos para isso, terá entendido que a lua de fel, que é benéfica para o Brasil, poderá ser benéfica também para ele.